

COMO FAZER A DIFERENÇA

Todos são bem-sucedidos. E, a seu modo, cada um deles ajuda a tornar o nosso mundo um lugar melhor. Nas páginas a seguir, uma apresentação.

Raí *Tetracampeão mundial de futebol*

Oksana Savchenko *Campeã paraolímpica de natação*

Mikko Hyppönen *Investigador de crimes cibernéticos*

Srdja Popović *Ativista político*

Adele *Cantora e compositora*

Christine van Broeckhoven *Pesquisadora de demência*

Raed Arafat *Pioneiro da saúde pública*

POR DAVID THOMAS

O tetracampeão mundial de futebol

Raí

Ex-jogador de futebol, atual Diretor-Executivo da Fundação Gol de Letra

Raí Souza Vieira de Oliveira é um paulista de Ribeirão Preto que jogou futebol dos 15 aos 35 anos, acumulou títulos defendendo o São Paulo e o Paris Saint-Germain, e fez parte da seleção que conquistou o tetracampeonato na Copa do Mundo de 1994, nos EUA. No entanto, seu gol mais marcante veio dois anos antes da aposentadoria.

Em 10 de dezembro de 1998, em parceria com o então jogador Leonardo, Raí criou a Fundação Gol de Letra, uma Organização Não Governamental (ONG) com a missão de “contribuir para a formação cultural e educacional de crianças e jovens para que possam atuar com autonomia na transformação de suas realidades”.

A semente da ONG surgiu durante a temporada de cinco anos que Raí passou em Paris, quando teve contato com práticas de justiça social sem paralelo por aqui. Um exemplo: sua filha e a filha da empregada frequentavam a mesma escola, as duas tendo acesso a uma educação de qualidade. Essa realidade mudou sua visão sobre o Brasil e fortaleceu seu sonho de se dedicar a projetos sociais quando voltasse.

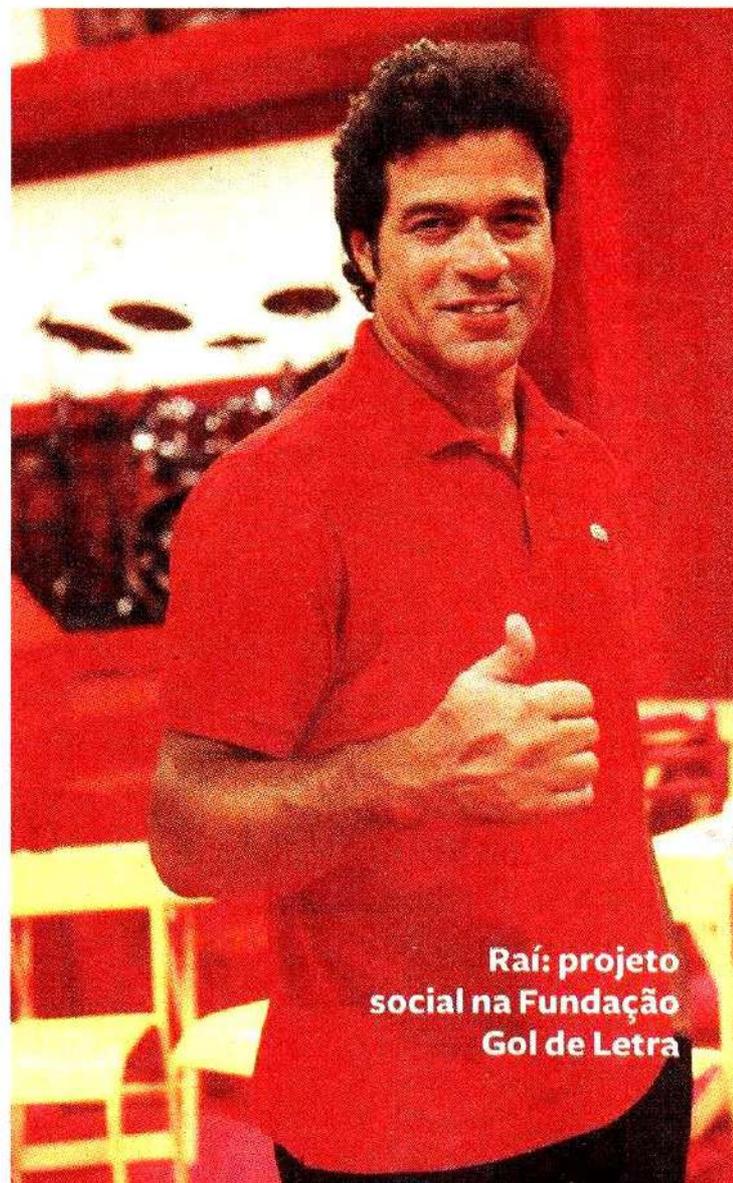
Hoje com unidades em São Paulo e no Rio de Janeiro, a Gol de Letra atende cerca de 1.300 crianças e jo-

vens, de 7 a 30 anos, por meio de seus programas socioeducativos.

Na sede paulista, na Vila Albertina, os atendidos pela ONG de Raí têm aulas de artes plásticas, informática, música, teatro, leitura e escrita, além de esportes como capoeira, atletismo, basquete, vôlei e, claro, futebol.

Na unidade do Caju, no Rio de Janeiro, há também projetos de educação ambiental e o Programa Gol de Trabalho, em que jovens e adultos são formados em rotinas administrativas, atendimento ao cliente, vendas e telemarketing.

A fundação foi reconhecida pela Unesco como instituição-modelo no apoio a crianças em situação de vulnerabilidade social.



Raí: projeto social na Fundação Gol de Letra



Savchenko: da piscina para a política

A campeã paraolímpica de natação

Oksana

Savchenko

Nadadora russa que ganhou a medalha de ouro – ela também ajuda a mudar a atitude pública perante as deficiências físicas

Oksana Savchenko, 22 anos, é de Petropavlovsk-Kamtchatski, no litoral russo do Pacífico. Nascida com glaucoma congênito, é cega do olho direito desde pequena e só tem visão parcial no olho esquerdo. Quando tinha 6 anos, a mãe a estimulou a aprender a nadar.

Em 2006, ela ganhou a primeira medalha de ouro no campeonato

mundial para nadadores parcialmente cegos, em Durban, na África do Sul. De lá para cá, já foram oito no total. Na Paraolimpíada de Pequim, ela ganhou três medalhas de ouro. Em Londres, foram mais cinco, no nado livre, no nado de costas e no *medley* individual.

Mas o que realmente a deixou satisfeita foi o modo como os jogos de Londres foram recebidos no seu país.

“A Paraolimpíada de Londres, em 2012, teve ótima cobertura nos meios de comunicação russos. E todos nos parabenizam pelo que conquistamos. O estereótipo dos deficientes que não servem para nada e precisam de piedade está acabando. Acho que a Paraolimpíada tem seu papel nessa mudança de atitude. Quando conquistamos medalhas, dizemos ao mundo: Ei! A gente consegue!”

Oksana ainda faz faculdade de Educação Física, mas, no futuro, diz

ela, “prefiro entrar na política, porque isso me permitirá fazer mesmo a diferença, promovendo os esportes em nível governamental. Por exemplo, precisamos construir um complexo esportivo para atletas paraolímpicos, onde moro. Tenho feito campanha para isso”.

O investigador de crimes cibernéticos

Mikko

Hyppönen

Finlandês que combate na Internet o “malware” criado por criminosos, terroristas e órgãos governamentais

Mikko Hyppönen teme não ter nada de concreto para mostrar. “A diferença que faço é virtual”, diz o pesquisador-chefe, 43 anos, da empresa F-Secure, em Helsinque. “Um dos meus amigos de infância se tornou arquiteto. Hoje ele pode mostrar aos filhos as casas e pontes que construiu. Trabalhei muito, mas não tenho nada para mostrar. Nenhuma casa, nenhuma ponte. Nada.”

É um desfavor que ele se faz. Na era da Internet, a diferença entre “real” e “virtual” se dissolve. “A Internet é um reflexo do mundo real. E assim como no mundo real, há criminosos ali”, diz ele.

Hyppönen e sua equipe trabalham para rastrear no mundo inteiro quadrilhas organizadas on-line que usam *malware* – programas

criados com más intenções. “Muitos criminosos ficaram milionários, e isso significa que podem investir para tornar os ataques ainda mais sofisticados. Assim, nosso serviço fica cada vez mais difícil”, explica.

A equipe de Hyppönen desmontou a rede mundial usada pelo *worm* (tipo de software malicioso) Sobig.F na Internet e foi a primeira a alertar para o surto do *worm* Sasser. Recentemente, ele afirmou que os *worms* viróticos Stuxnet e Flame, usados para atacar instalações nucleares iranianas e coletar informações cibernéticas, só poderiam ter sido criados pelo governo americano.

“Foi o Stuxnet que virou o jogo”, diz Hyppönen. “Estamos entrando numa corrida armamentista na qual os países começam a estocar armas, só que não são aviões e reatores nucleares, são ciberarmas.”

Hyppönen: caça aos vírus de computador



O ativista político

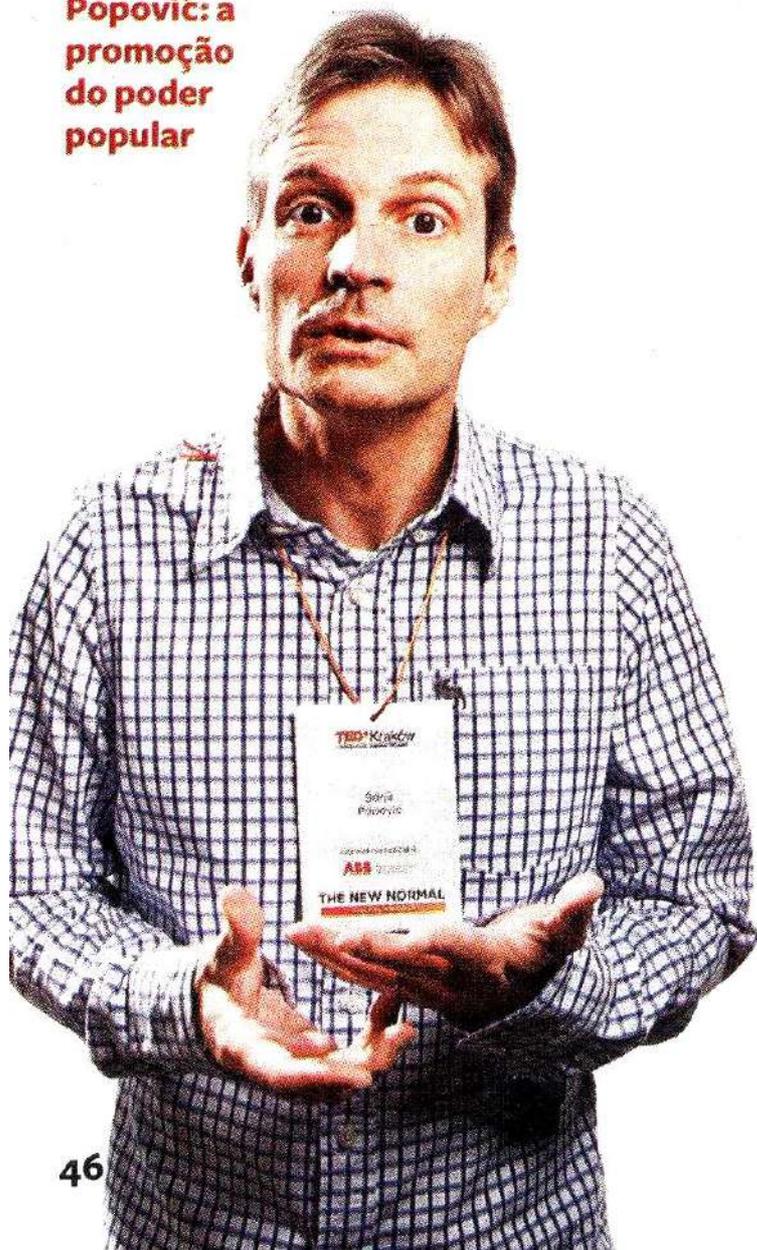
Srdja Popović

Ativista político sérvio e assessor mundial da reforma não violenta

Srdja Popović poderia afirmar que é o revolucionário mais bem-sucedido do mundo, embora nunca use armas nem detone bombas.

Como líder do Centro de Ações e Estratégias Não Violentas Aplicadas (Canvas, na sigla em inglês), ele orientou vários movimentos de reforma em diferentes países do mundo inteiro: na Geórgia, na Ucrâ-

Popović: a promoção do poder popular



nia, no Zimbábue, na Venezuela, no Irã e nas Ilhas Maldivas.

Em 2011, viajou 170 mil quilômetros de avião trabalhando para inspirar os ativistas da democracia a usarem a resistência pacífica.

O ativista de 39 anos, morador de Belgrado, ensaiou os primeiros passos no fim da década de 1990, quando ele e um grupo de colegas estudantes começaram um movimento que ajudou a derrubar do poder o presidente sérvio Slobodan Milošević.

O manual do Canvas, *Luta não violenta: 50 pontos fundamentais*, foi traduzido para 16 idiomas e é uma cartilha prática do fenômeno do poder popular para quem quiser estabelecer e manter mudanças de longo prazo.

“Sonho com um mundo no qual todos entenderão e adotarão o poder da luta não violenta e compreenderão seu papel para construir sociedades estáveis e democráticas”, diz Popović.

Aclamado pela revista *Wired* como uma das 50 pessoas que mudarão o mundo, ele é otimista quanto ao futuro: “Assistimos a um grande progresso dos direitos humanos, das eleições livres e justas, da liberdade de expressão e reunião. A Primavera Árabe levou o poder popular a uma parte do mundo aonde ninguém esperava que chegasse. Quando fazemos a distinção entre países ‘infelizes’, nos quais o povo tem medo do governo, e países ‘de sorte’, nos quais os governos têm medo do povo e lhe prestam contas, o mundo em geral parece estar caminhando para uma boa direção.”



“Não faço música para os olhos, faço música para os ouvidos.”
Adele

A cantora e compositora

Adele

Fenômeno pop nascido em Londres, seu álbum de estúdio, “21”, vendeu mais de 25 milhões de cópias no mundo

“Sintonize qualquer estação de rádio do mundo e provavelmente ouvirá Adele”, disse a cantora americana Pink. “Vá a Marte e tenho quase certeza de que, se houver vida naquele planeta, eles estarão tocando Adele.”

Numa época de profunda crise econômica e tecnológica na indústria fonográfica, Adele Laurie Blue Adkins, 24 anos, mostrou que as pessoas do mundo ainda pagam para ouvir uma voz comovente em músicas profundamente sentimentais.

Adele não é uma estrela pop fabricada que vende aparência. “Não faço música para os olhos, faço música para os ouvidos”, diz ela.

As canções de Adele saem diretamente de sua vida – e da de todos nós também. Ela explica: “Quando canto *Someone Like You*, sei que cada pessoa da plateia poderá se identificar.”

A pesquisadora de demência

Christine van

Broeckhoven

Cientista belga que ajudou a provar que a doença de Alzheimer é uma enfermidade e não um efeito colateral do envelhecimento

Na Universidade de Antuérpia, Christine van Broeckhoven, 59 anos, chefia um departamento de 120 cientistas e assistentes no Instituto de Biotecnologia de Flandres e esteve à frente da pesquisa que identificou as proteínas tau e amiloide como fatores importantes no desenvolvimento da demência.

Van Broeckhoven: em busca da cura



Em maio do ano passado, a Fundação americana MetLife reconheceu o valor do seu trabalho com um prêmio de 200 mil dólares para mais pesquisas, citando suas contribuições importantes para a compreensão da doença de Alzheimer: “Sua dedicação nos ajuda a chegar mais perto da cura da doença.”

Esse trabalho é mais urgente do que nunca. Em 2010, estimou-se que o custo global de cuidar de pacientes com Alzheimer era de 450 bilhões de euros e, segundo Broeckhoven, esse valor sobe rapidamente.

“Em 2020, uma em cada quatro pessoas terá mais de 65 anos e, por definição, o número de pacientes com demência vai aumentar. Haverá um tsunami de demência. Se tivéssemos um tratamento médico que retardasse em cinco anos o surgimento da doença, o número de pacientes cairia a cerca da metade. Que outro argumento será necessário para convencer políticos e eleitores?”

Christine van Broeckhoven prevê que os pacientes receberão um coquetel de tratamentos ajustado às suas necessidades específicas. Mas ressalta que, “no caso das doenças do cérebro, não se pode apenas dizer ‘vou procurar um médico’”.

Ela acredita que a solução será compreender a complexidade do cérebro humano e as múltiplas influências, como genética, estilo de vida e histórico psiquiátrico, que tornam os indivíduos tão diferentes.



O pioneiro da saúde pública

Raed Arafat

Pioneiro do serviço romeno de emergência e reformador da assistência médica

“Se tivesse me casado, estaria divorciado há muito tempo!”, diz, rindo, o Dr. Raed Arafat. Nenhuma mulher conseguiria competir com o grande amor da sua vida: administrar o sistema de

atendimento médico de emergência da Romênia.

“Para mim isso não é trabalho, é um passatempo e uma paixão”, revela o médico de 48 anos. “Quando quero relaxar nos fins de semana, cumpro um turno no pronto-socorro.”

De origem palestina, a paixão de Arafat pela medicina começou aos 14 anos, quando morava na Cisjordânia. “Meu vizinho era cirurgião no hospital de Nablus e eu passava as férias lá, assistindo às operações.”

Aos 17 anos, os pais o mandaram estudar medicina na Romênia. Depois da queda do regime comunista de Ceausescu, em 1990, quando as ambulâncias funcionavam praticamente como táxis para doentes, ele visitou a Alemanha. Lá, comprou um veículo, um desfibrilador e um conjunto de aparelhos de reanimação e voltou à Romênia para criar uma equipe de atendimento de emergência.

Hoje cidadão romeno, Arafat foi subsecretário de Saúde da Romênia durante cinco anos até pedir exoneração, em janeiro de 2012, em protesto contra as propostas de reforma do serviço de saúde.

Voltou ao cargo depois de manifestações públicas de apoio e, em novembro, foi nomeado ministro da Saúde.

Ele se descreve como “apolítico”, não pertence a partido algum e diz que só está no governo para melhorar o sistema que ajudou a criar e para combater as tentativas de privatizá-lo.

Hoje, o Serviço Nacional Móvel de Emergência, Reanimação e Salvamento da Romênia tem 170 equipes de pronta-resposta, 12 centros de treinamento e quatro helicópteros de emergência.

“O tratamento de emergência é um dever básico do governo”, explica ele. “Todos veem os médicos de emergência como modelos porque eles trabalham para salvar vidas. O médico nunca deveria perguntar se o paciente pode pagar ou se tem plano de saúde. Deve-se fazer o que for necessário sem pensar no aspecto financeiro. Ainda preciso fazer mais.”

INSÔNIA PERSISTENTE

Meu marido, John, ronca muito quando dorme. Por isso, é raro eu dormir mais que duas horas por noite.

Quando ele acorda, bem descansado, pela manhã, fica sempre admirado por descobrir que foi a causa de mais uma das minhas noites em claro.

Certa noite, John teve sintomas graves de alergia e, por isso, tomou alguns remédios antes de ir para a cama. Para minha surpresa, caiu num sono profundo, não roncou e pude adormecer confortavelmente.

Acordei com ele me sacudindo.

- O que foi? – perguntei, fazendo um esforço para não parecer irritada.
- Você está sentindo dores?
- Não, mas o efeito dos remédios passou e não consigo dormir.
- Olhei para ele, cansada, sem querer acreditar.
- E o que você quer que eu faça?
- Ah, nada! Só acordei você para contar o que está acontecendo.

Bernadette Payne, EUA